



## MINI-HISTÓRIA: NARRATIVAS DA DOCÊNCIA E DA INFÂNCIA

Alcione Machado Julio<sup>1</sup>

Luciane Varisco Focesi<sup>2</sup>

Viviane Zimmermann Heck<sup>3</sup>

### Resumo

O presente trabalho apresenta uma forma de narrar infâncias e narrar a docência. Para isso, propõe a escrita de mini-histórias que são narrativas em que as crianças são as protagonistas e cabe ao professor e coordenador narrar cenas do cotidiano e ressignificá-las por meio de suas observações e reflexões. O olhar inicial permite “pescar” cenas do cotidiano, onde as crianças, por meio de uma sequência de ações, contam uma história única. Cabe ao professor esse olhar atento, registrando, por meio de fotos, essas cenas. Em seguida, vem o momento reflexivo-autoral, em que, através da escrita, o professor narra a criança, a infância e também se narra enquanto profissional de educação. As mini-histórias compõem a abordagem da documentação pedagógica, em que, por meio da narrativa de diferentes situações cotidianas dos pequenos, as aprendizagens acontecem nas interações com os sujeitos e com o mundo. Para isso, os conteúdos da vida cotidiana precisam estar conectados com as ações dos sujeitos. Cabe, então, ao professor, garantir um espaço acolhedor, proporcionar interações significativas e valorizar as atividades diárias como parte do processo. As mini-histórias são narrativas e, por isso, seguem a forma de escrita das mesmas. Além disso, no contexto da escola da infância, são os observáveis, “pescados” no cotidiano, que possibilitam, através de uma narrativa visual e textual, compartilhar e tornar visível os percursos de aprendizagem da criança. Trata-se de uma escolha, entre várias possíveis, sempre com o intuito de comunicar algo episódico, sendo importante definir para quem a mesma será endereçada. Como já explicitado, coloca a criança em evidência, tornando especial uma cena do cotidiano que poderia passar

---

1 Licenciada em Pedagogia, Especialização em Psicopedagogia Institucional e em Docência na Educação Infantil (UFRGS). Professora da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo, lotada na EMEI João de Barro. E-mail: [alcimachado@bol.com.br](mailto:alcimachado@bol.com.br)

2 Licenciada em Pedagogia (Feevale); Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional (Feevale), Especialista em Docência na Educação Infantil (UFRGS). Professora de Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo, lotada na SMED. É membro do Observatório da Cultura Infantil – OBECI. E-mail: [lucianefocesi@novohamburgo.rs.gov.br](mailto:lucianefocesi@novohamburgo.rs.gov.br)

3 Licenciada em Letras (Unisinos) e Pedagogia (UFPEL). Especialista em Educação Infantil (Unisinos) Professora da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo, lotada na EMEI João de Barro. É membro do Observatório da Cultura Infantil – OBECI. E-mail: [vivizheck@gmail.com](mailto:vivizheck@gmail.com).



despercebida. Além disso, retrata uma imagem de criança, infância e escola. Nesse processo todo, o professor assume uma postura de pesquisador da infância e da sua própria prática. Ao olhar e escutar as crianças e refletir sobre o que observa, também retoma o seu próprio processo de formação continuada, pois se permite aprender por meio da práxis, ou seja, da teoria que possui conhecimento, fazendo relações sobre o que percebe e apreende na sua prática com as crianças. Dessa forma, pesquisa a infância e pesquisa a si próprio enquanto profissional.

**Palavras-chave:** mini-história; narrar; infância; docência.

## INTRODUÇÃO

Esse artigo se ocupa em apresentar o percurso formativo da EMEI João de Barro a partir da ideia de formação em contexto, pensada pela perspectiva de uma parceria estabelecida entre coordenadora pedagógica e professores para a qualificação da prática pedagógica na creche, visando, assim, promover um olhar para as crianças bem pequenas como protagonistas das suas vidas, com agência para observar, escolher, conversar, decidir, interagir e brincar.

Acreditamos que a educação infantil, como direito das crianças, não pode mais ser constituída apenas por práticas voltadas somente ao cuidado e à assistência aos pequenos. Para pensar no rompimento dessa concepção tão enraizada na escola da infância, é necessário promover espaços de pesquisa, discussão e estudo para além da formação inicial. Dessa maneira, buscou-se, com a escrita reflexiva das mini-histórias, conhecer a prática dos professores, suas relações com as crianças, suas concepções e apurar o olhar e a escuta às crianças.

A proposta com as mini-histórias começou na Emei João de Barro no final do ano de 2015, quando a coordenadora Luciane Varisco Focesi, muito instigada pelas reflexões do grupo OBECI<sup>4</sup>, desafiou as professoras Alcione e Viviane a escreverem

---

4 OBECI, Observatório da Cultura Infantil, é um grupo de cinco escolas, duas privadas e três públicas da região metropolitana de Porto Alegre, sendo a EMEI João de Barro uma escola participante. As ações do observatório envolvem um grupo de professores e gestores de escolas, que se reúnem para pensar e problematizar os processos investigativos na educação infantil, cujas crenças teóricas estão alicerçadas na pesquisa e na abordagem da documentação pedagógica. Esse grupo se reúne, normalmente, a cada quinze dias, sendo coordenado pelo professor Doutorando Paulo Fochi.



mini-histórias como forma de tornar visível aos pais das crianças da turma de 1 ano um pouco da proposta do projeto de Hora do Conto que vinham realizando junto a esse grupo.

Esse cenário provoca as ações do coordenador pedagógico e do professor enquanto investigador das relações cotidianas da escola para que, a partir das evidências coletadas no dia a dia, possa se construir um espaço de diálogo e troca entre os sujeitos que integram o ambiente educativo.

A partir da ação da coordenadora que estimula a escrita das mini-histórias, inicia-se um processo de estabelecimento de uma relação verdadeira com as crianças, percebendo a necessidade de viver a escola como um espaço de vida compartilhada, a partir do ensaio com as mini-histórias, como um observável que retroalimenta a ação educativa.

Ao longo do ano de 2016, por meio de formações continuadas sobre esse tema junto ao professor Doutorando Paulo Fochi, bem como em outras que ocorreram na própria escola, os professores começaram suas produções de minis. Essas eram e ainda são compartilhadas com colegas e pais das crianças nas portas das salas, ou seja, possibilitavam compartilhar a proposta e a imagem de criança da instituição.

Pode-se afirmar que o hábito da escrita, bem como a troca entre colegas professores e coordenadora, tem permitido o aprimoramento das produções. Além disso, sabe-se que a própria bagagem cultural e literária do professor enriquece a sua escrita.

Tudo inicia com um desejo por escrever, por narrar uma infância que é percebida atentamente por meio do olhar e da escuta do professor. Refletir e escrever sobre ela, permite refletir sobre a individualidade de cada criança, mas também sobre a trajetória profissional de cada professor. Então a escrita pressupõe uma anterior pesquisa, um olhar para a descoberta das crianças, para as ações, e assim vai retroalimentando a trajetória de formação do profissional que reflete sobre sua prática e que, ao escrever, também se inscreve, pois ao falar da criança, traz marcas da sua infância e da sua forma de ser professor.



Essa caminhada continua acontecendo ao longo dos anos, pois, além de fazer parte do Projeto Político Pedagógico da escola, também é uma forma de compreender a documentação pedagógica como uma abordagem curricular que envolve definições de concepções, escolhas teóricas e uma postura prática que coloca a criança no centro do projeto educativo.

Além disso, somente é viva e continua mesmo com a troca de equipe diretiva, pois é validada pelos professores que continuam a escrever e narrar infâncias, pois percebem que assim se aproximam das crianças e de suas pesquisas e, dessa forma, exercitam o olhar atento, que possibilita propor experiências que enriqueçam as mesmas.

Para a continuidade da escrita das minis, os professores refletem sobre formas de tornar ainda mais especiais essas narrativas. Essas estão relacionadas com a produção e a seleção de imagens e textos. Ambos, com suas especificidades, constantemente podem ser aprimorados pela prática, estudo de técnicas e, em relação ao texto, leituras prévias que acabam enriquecendo literariamente as produções das narrativas.

Em relação à forma, as mini-histórias são textos narrativos que visam a compartilhar momentos episódicos da vida da criança na escola da infância. São “pescados”, ou seja, não são planejados pelo professor, mas acontecem em momentos pensados, em espaços acolhedores, em situações do cotidiano em que o olhar atento do professor pesca cenas interessantes, histórias de vida que acontecem na escola e que, narradas com imagens e texto, permitem ser compartilhadas, refletidas e valoradas por toda comunidade escolar. O professor narrando, vai narrando a infância, vai se narrando e se constituindo enquanto profissional reflexivo, que repensa a prática a partir do olhar focado nas ações das suas crianças.

## **MINI-HISTÓRIAS POSSIBILITANDO A PESQUISA DA INFÂNCIA E DO SER PROFESSOR**



As mini-histórias compõem a abordagem da documentação pedagógica. Essa, da qual comungamos, está situada nos estudos de Loris Malaguzzi, pedagogo italiano idealizador das Escolas de Reggio Emilia. Entendemos como uma abordagem curricular que envolve a articulação de concepções, escolhas teóricas e ações que coloquem as crianças no centro do processo educativo. Um dos princípios dessa abordagem é a escuta atenta às crianças e a todos os adultos envolvidos nesse processo. Dessa maneira, cabe destacar, que a documentação pedagógica envolve três partes inseparáveis: observação-registro-interpretação (Fochi 2015). A partir dessa premissa, a abordagem da documentação pedagógica contribui para uma ação reflexiva do professor a partir de sua prática cotidiana. E ainda, destaca-se pela possibilidade de evidenciar muitos significados no decorrer do percurso vivido na escola pelas crianças e professores.

Então nessa perspectiva, as mini-histórias são observáveis, ou seja, são materiais que se pode consultar, compartilhar e retomar sempre que necessário para refletir a respeito das múltiplas experiências possíveis que são propostas junto às crianças.

Segundo FOCHI (p.44, 2017), “temos tratado as mini-histórias como as rapsódias da vida cotidiana que, ao serem narradas textualmente e imageticamente, tornam-se especial pelo olhar do adulto que as acolhe, as interpreta, e dá valor para a construção da memória pedagógica.”

As mini-histórias são narrativas curtas em que a criança é a protagonista e o professor e/ou coordenador narra cenas do cotidiano e as ressignifica por meio de suas observações e reflexões. Através delas, é possível narrar a ação dos pequenos em diferentes situações cotidianas, nas quais as aprendizagens acontecem nas interações com os sujeitos e com o mundo. Nesse sentido, as aprendizagens da vida cotidiana precisam estar conectadas com as ações dos sujeitos, garantir um espaço acolhedor, proporcionar interações significativas, valorizar as atividades diárias como parte do processo. Barbosa (2013) aponta a necessidade de estabelecermos um olhar atento a respeito das ações do cotidiano, em que se aprende a ver a beleza das pequenas coisas como deslocar-se, alimentar-se,



dormir.

Ao escrevermos mini-histórias, estamos narrando histórias de vida de crianças, de uma comunidade, de um grupo, ou seja, estamos dando sentido e significado a essas histórias e estamos usando as mesmas para construir uma memória, marcar um tempo de vida. Segundo *GOODSON (2008)* “...focar a construção de narrativas de vida é respeitar a contextualização da história do sujeito, dando sentido aos processos individuais e estabelecendo significado social no espaço coletivo e institucional”.

Mini-histórias são observáveis “pescados” no cotidiano da escola, que buscam através de uma narrativa visual e textual, compartilhar e tornar visível os percursos de aprendizagem da criança. Assim sendo, se trata de uma escolha entre várias possíveis, sendo um processo de comunicação sempre episódico. Conforme *Fochi (2017, p.99)*:

A ideia das mini-histórias está ligada à revisitação dos observáveis produzidos pelos professores no cotidiano da Educação Infantil. A partir de uma breve narrativa imagética e textual, o adulto interpreta esses observáveis de modo a tornar visível as rapsódias da vida cotidiana. Essas rapsódias são fragmentos poéticos, portanto sempre episódicos que, quando escolhidos para serem interpretados e compartilhados, ganham valor educativo. Esse exercício de olhar para um material que já existe, buscando extrair sentidos, é uma experiência ímpar de autoformação do professor, pois implica fazer uma escolha dentre tantas. Uma escolha que, de alguma forma, o próprio professor faz parte. E fazer isso implica deixar algo de fora, não escolher.

A mini-história narra a criança, colocando-a em evidência, ou seja, suas ações são valoradas e refletidas. O texto escolhido, as imagens e a escrita auxiliarão para evidenciar a história dessa criança, respeitando sua individualidade e tornando especial algo que poderia passar despercebido.

A fotografia, parte inicial da produção da mini-história, requer um olhar atento, individualizado, a fim de capturar a sequência de ações de uma criança. Requer um foco de quem está olhando a fim de não distrair-se com o que ocorre ao



seu redor, mas, perceber na mudança de ações da criança a história que ali está sendo contada. Assim, sendo a fotografia marca um tempo e evidencia instantes de um fluxo temporal.

Ainda em relação à fotografia, essa potencializa a ação investigativa do professor de forma significativa, aprimorando o planejamento e a prática. Por meio dela, podem-se verificar muitos detalhes de algo que aconteceu, gestos, olhares, sentimentos, expressões, de que forma uma criança brinca, com quem costuma brincar, quais objetos e locais que escolhe, bem como seu envolvimento em uma brincadeira. O próprio ato de fotografar, em nossa escola, passou a ser um momento de atenção e observação sobre como as crianças interagem sozinhas e em grupos, nos diferentes momentos do dia. Dessa forma, passa-se a conhecer mais sobre cada sujeito, cada particularidade, para assim poder fazer escolhas de atuação. A ação de fotografar passou a ser um meio de investigação.

Tittoni (2010, p.63) nos auxilia a pensar sobre o ato de fotografar conceituando-o:

Fotografar implica em escolhas e recortes, dando relevância ao ponto de vista de quem fotografa e a imagem, nesse sentido, deixa de ser somente ilustração de descrições, mas possibilidade de construção a partir de outra forma de escritura.

A fotografia é uma escolha, uma parte de tudo que visualizamos, portanto, a imagem fotográfica pode servir como registro, uma forma de registrar sobre aquilo que aparece visivelmente e que possibilita uma interpretação a partir das cenas que foram escolhidas.

Pillar (2009) diz que é preciso ensinar o olhar, ter uma intenção ao realizarmos um registro fotográfico, pois não conseguimos fotografar todas as experiências das crianças, cabe à professora observar os momentos e escolher aqueles que considera, do seu ponto de vista, ter um sentido relevante.

É necessário que o professor observe as crianças e escolha uma cena ou criança a ser registrada. É preciso procurar registrar as crianças que se mostram envolvidas em alguma brincadeira ou ação. As fotografias também devem ser realizadas individualmente e de preferência batidas de frente para que apareça o rosto, as expressões e a ação que está realizando naquele momento. Muitas vezes, é necessário se abaixar e ficar na altura da criança para que a foto mostre com mais detalhe o que ela está fazendo.



Figura 1

Para se fazer compreender a partir desses aspectos do registro, é necessário que haja a educação do olhar para aquilo que se pretende com a fotografia. Não há, na prática pedagógica com crianças de pouca idade, possibilidade de se registrar tudo que acontece no entorno das vivências; é preciso fazer o recorte e selecionar de todo o vivido aquilo que produziu algum sentido, “o que se vê não é o dado real, mas aquilo que se consegue captar e interpretar acerca do visto, o que nos é significativo (PILLAR, 2009, p.13).



Dessa forma, inicia o processo de produção da mini-história que, após escolhidas as fotos, continua na escrita a partir delas. Todo processo de escrita provoca uma mudança em quem lê, mas também em quem escreve. O professor autor, ao narrar a cena, por meio da escolha das fotos, bem como do texto, reflete sobre sua percepção de criança, sobre a caminhada e sobre as características das crianças na sua individualidade. Esse processo permite conhecer mais as crianças, seus gostos, ações que repetem no cotidiano e parcerias de brincadeiras e descobertas. Ou seja, permite ao professor conhecer mais suas crianças. Por meio das fotos, da revisão do seu acervo fotográfico, inicia a seleção de cenas marcantes e que descrevem as ações interessantes das crianças. Dessa forma, o professor inicia não uma descrição das cenas, mas torna-se um autor, poeta por vezes, pois, por meio de um jogo de palavras que permite contar uma história, coloca-se como autor, narrando uma cena, da qual participou ou não, mas sempre trazendo uma leitura sua a partir da seleção de fotos. Assim, cria uma história que pode ou não ser a verdade, mas uma verossimilhança com o fato realmente ocorrido, pois não tem a certeza de tudo o que compreende a cena em si. Essa certeza apenas pertence aos participantes da própria cena. Conhecer suas crianças e a forma como interagem com os outros e com o mundo, permite, com mais facilidade, observar e narrar imaginando uma história por detrás de uma sequência fotográfica.

Conforme, BRUNER (1991):

Ao contrário das construções geradas por procedimentos lógicos e científicos que podem ser destruídas por causa de falsificações, construções narrativas só podem alcançar “verossimilhança.” Assim, narrativas são uma versão de realidade cuja aceitabilidade é governada apenas por convenção e por “necessidade narrativa”, e não por verificação empírica e precisão lógica, e, ironicamente, nós não temos nenhuma obrigação de chamar as histórias de verdadeiras ou falsas.(p. 4)

Ao narrar as muitas infâncias, o professor autor também acaba por narrar-se, pois evidencia em sua escrita uma percepção de criança e de escola. Evidencia



também sua postura frente a essa infância. Ao olhar para a criança em suas ações, em seu contexto, também reflete sobre o seu papel nessa caminhada, o quanto contribui e o quanto necessita modificar algumas de suas ações. Assim, pesquisa a criança e pesquisa a si próprio. Ao refletir o processo, acaba por refletir-se enquanto profissional, permitindo um aprendizado pela prática, mas muito mais pela reflexão sobre a prática. Essa, denominada, práxis, possibilita que a prática refletida e um olhar atento para as ações das crianças sirvam como constante formação e aprimoramento do professor que aprende com as crianças e suas histórias a ser professor de crianças pequenas, afinal a bibliografia referente a esse nível de ensino ainda é muito restrita e acaba sendo construída por professores reflexivos que se permitem registrar as relações que fazem entre teoria e prática, construindo, assim, um aporte teórico mais próximo da realidade e, por isso, menos utópico.

O planejamento do professor também acaba por ser enriquecido bem como aprimorado por meio da prática da escrita das mini-histórias. Essa prática requer um olhar atento para a forma como as crianças interagem e quais as ações que possuem significado ao grupo de crianças, assim, ao refletir sobre sequências fotográficas, refletimos sobre ações, sobre pesquisas das próprias crianças e, narrando as mesmas, nos damos conta do quanto requerem experiências de continuidade para que possamos enriquecer as pesquisas que as crianças vêm realizando. Assim, um planejamento qualificado também é oriundo dessa prática reflexiva do professor que inicia na produção das mini-histórias, mas que continua ao longo do processo educativo e qualifica-o caracterizando assim a ação do professor.

A mini-história, por ser um texto breve, precisa contar uma história, mas de forma interessante e convidativa ao leitor. Dessa forma, o título, muitas vezes pensado e criado ao fim da produção, precisa convidar a ler. O texto necessita identificar espaço, tempo e personagens, afinal não deixa de ser uma história. O mesmo vale para a situação problema, pois dela ocorrerá o desfecho da história e a ela devemos o suspense que faz com que o leitor tenha interesse de ler a história até o final. Nessa ação, a escrita da mini-história, o professor torna-se um contador



de história que, conforme Bruner (1991, p.11):

E isto é, talvez, o que torna o contador de histórias inovador uma figura poderosa em uma cultura. Ele pode ir além dos enredos convencionais, levando as pessoas a verem acontecimentos humanos de um novo ponto-de-vista, de uma maneira que elas nunca haviam “notado” nem sequer sonhado.

As mini-histórias, muitas vezes, provocam no leitor a percepção de um novo ponto de vista, ou seja, possibilitam perceber a cena de uma forma diferente por meio da narrativa. A escrita, por vezes, tornar especial algo que, num primeiro momento, poderia parecer banal. O autor consegue isso conhecendo as especificidades da infância, bem como de uma faixa etária, de uma comunidade, de um grupo específico de crianças, conhecendo a individualidade das crianças, permitindo-se com a escrita torná-las únicas num espaço coletivo, onde são vistas, em grande parte do tempo como grupo.

Para a escrita das mini-histórias é importante que o professor tenha o hábito do registro, ou seja, saiba da importância de fazer registros, seja por meio de escrita, fotos, filmes. Esses, em momento específico de planejamento, necessitam ser revistos e repensados, pois podem ou não originar mini-histórias. Dessa forma, pode-se afirmar que registros são produzidos durante toda a jornada, mas a observação e interpretação precisam ser garantidas no cotidiano. Na nossa estrutura, esse cotidiano de reflexão e trocas entre profissionais é garantido no momento do planejamento do professor. Cabe a ele fazer a seleção e pensar sobre sua prática, a fim de perceber quais originam mini-histórias e quais não. Assim, a prática do registro e da reflexão sobre a prática torna-se essencial para a produção da mini-história.



XV Fórum Municipal de Educação: interlocuções da pesquisa na Educação Básica  
Secretaria Municipal de Educação de Novo Hamburgo – 24 de outubro de 2017

“[...] registrar é deixar marcas, tecer memórias, fazer história. É também a possibilidade de compartilhar descobertas, práticas e reflexões com outros educadores.” (Ostetto, 2008)

Um professor reflexivo também possui um olhar atento que lhe permite escutar as crianças, mesmo quando essas ainda pouco se expressam verbalmente. É preciso sempre um professor que saiba escutar as crianças, escutar a si, pois escutar é na realidade uma arte para entender a cultura infantil: sua forma de pensar, fazer, perguntar, teorizar. Escutar significa estar atento, com todos os sentidos, para reconhecer todas as linguagens da infância e sua relação com o mundo. A escuta possibilita o assombro, a maravilha, do inesperado e do imprevisto. (Alfredo Hoyelos, 2007)

A mini-história também permite tornar visível a aprendizagem da criança para a comunidade escolar. Como retrata uma cena do cotidiano, ao ser apresentada para leitura e contemplação dos pais, apresenta a criança em suas descobertas e pesquisas, revela a atenção e a escuta do professor, evidencia uma criança e sua forma de interagir num espaço coletivo, ou seja, revela e desvela, conta e encanta. Com ela em mãos, pais e professores podem dialogar sobre o processo individual de descobertas de cada criança.

### **DIFERENTES PERCURSOS E UM CAMINHO COMPARTILHADO**

A pesquisa descrita utilizou-se da pesquisa em ação, pois por meio de registros fotográficos e escritos a partir de sua observação atenta do cotidiano, o professor coleta dados que permitirão a ele construir as narrativas sobre as ações das crianças. Esse material produzido assim como o processo da produção permitem ao professor pensar-se enquanto profissional de educação bem como sua atuação junto às crianças pequenas. Possibilita também parceria com o outro para discussão, diferentes olhares, contraposição de ideias.

### **NARRAR E ARGUMENTAR SOBRE O COTIDIANO INFANTIL**

As mini-histórias possibilitam a construção de uma prática educativa voltada para a cultura infantil, possibilitando valorar o cotidiano e compartilhar uma



experiência da criança e do professor, a partir da narrativa, do argumento e do diálogo com o outro. Com as mini-histórias, busca-se dar valor educativo, ao que as crianças fazem durante a jornada escolar. Sobre a documentação pedagógica, Dahlberg, Moss e Pence ( 2003, p. 200) destacam que:

Por meio da documentação, podemos mais facilmente ver e questionar a nossa imagem de criança, os discursos que incorporamos e produzimos e que a voz, direitos e posições, a criança adquiriu em nossas instituições dedicadas à primeira infância... A documentação pedagógica nos permite refletir de forma crítica sobre se as idéias estão apenas no nível da conversa ou se estão sendo postas em prática e, se estão, de que maneira são entendidas.

Narrar infâncias, suas individualidades, suas marcas e também narrar-se enquanto profissional são elementos consequentes da prática da escrita das mini-histórias. Essas se constituem como material de pesquisa para crianças, professores e comunidade em geral. Dessa forma, legitimam o trabalho que é desenvolvido na instituição de educação infantil, desvinculando as mesmas da função de apenas cuidar enquanto os pais estão trabalhando. Revelam as experiências das crianças e a riqueza dessas.

A escrita enquanto hábito do professor permite que esse se torne autor e construa, por meio da práxis, um caminho a ser trilhado na educação infantil. A reflexão constante, elemento crucial na escrita, é possibilitada por meio dessa de uma forma mais rica, pois quem escreve, reflete duas vezes, e também acaba por ser registrado, ou seja, permite que a reflexão seja retomada em outros momentos, aprimorando a mesma. Além disso, permite a troca entre profissionais e entre família e escola.

Acima de tudo, evidencia a criança como protagonista das suas ações, revela suas escolhas e as interações das quais participa no cotidiano. Mas também evidencia um professor autor, que escreve, que produz e que se compromete com sua formação em ação.



XV Fórum Municipal de Educação: interlocuções da pesquisa na Educação Básica  
Secretaria Municipal de Educação de Novo Hamburgo – 24 de outubro de 2017

A mini-história ainda propõe ao professor que ele seja um autor, ou seja, inclua a escrita em sua prática e perceba nela uma forma de expressão, uma forma de reflexão que pode ser compartilhada com colegas, com pais, com coordenação, mas principalmente consigo mesmo, pois ao escrever reflete, novamente, e com mais intensidade sobre o processo que narra; na escolha das palavras, escolhe o que narrar e a própria escolha revela algo que para si e para o grupo é importante, algo a contar e que tem um porquê, tem um sentido e por isso está ali. Legitima também o trabalho pedagógico na educação infantil-etapa creche, pois reconhece como currículo, os momentos do cotidiano que necessitam de reflexão e precisam ser problematizados, refletidos e, por vezes, modificados. Problematiza o que, por vezes, está naturalizado.

As mini-histórias também permitem alargar o campo reflexivo do professor, uma vez que há confronto de ideias com os pares e se constitui em uma cultura pedagógica, torna o Projeto Político Pedagógico “vivo”, assumindo uma identidade do trabalho educativo. Exige um professor implicado no processo pedagógico da escola e que se transforma a partir do mesmo.

ANA  
INVESTIGA

Ana vai até a luz e, com o pano, começa a envolvê-la. A luz fica colorida com o pano. Com seu olhar, me chama para compartilhar do seu novo achado.



Logo depois de eu oferecer as lanternas para que as crianças explorassem esse espaço, Ana começa a sua investigação. Investiga a projeção da luz em vários espaços da sala iluminada.

Mas, "ops", o que é isso? Ana, se aproxima de mim e começa a me investigar também? Parece fazer descobertas no meu calçado colorido. O que será que envolve Ana nessa busca? A cor, a forma da luz, o adulto por quem ela tanto se interessa e que busca em muitas de suas experiências? Ana investiga e eu investigo Ana.

Set/2016

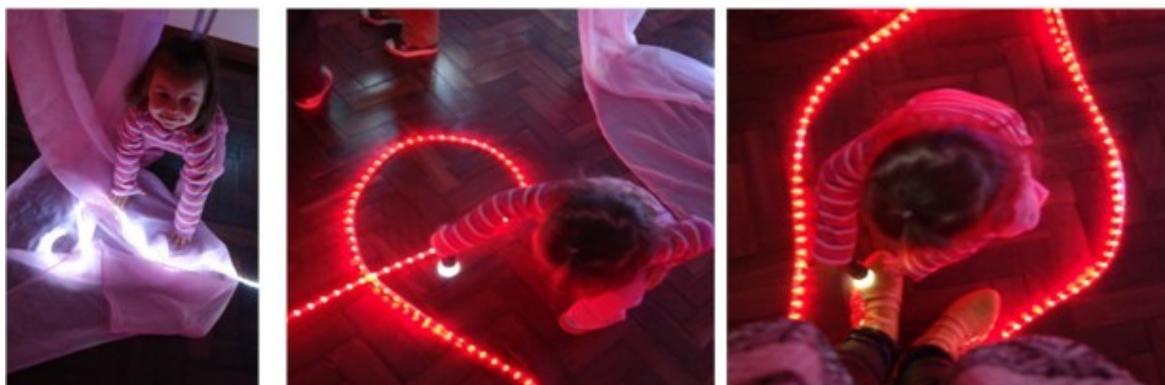


Figura 2

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mini-histórias compõem a abordagem da documentação pedagógica. A partir de reflexões oriundas no grupo Obeci, em fins de 2015, começam as primeiras práticas de mini-histórias na EMEI João de Barro. Essas ao longo de 2016 e 2017 são aprimoradas.

Atualmente, são um grande marco da prática pedagógica da EMEI João de Barro, pois foram legitimadas pelo grupo de professores, que não mais as percebe como uma tarefa extra de sua prática, mas como uma possibilidade de evidenciar o protagonismo infantil e de revelar um professor autor que narra a infância a partir do seu olhar atento. Aliado a isso, narra-se enquanto profissional pensante e reflexivo que busca aprimoramento na sua prática e encontra isso na observação constante sobre a mesma, vinculada à reflexão e à teoria sobre esse nível de ensino. Assim,



constitui, por meio da escrita, uma reflexão, uma escuta, um olhar atento que acabam por constituir uma postura profissional que lhe permitirão ser um professor que pesquisa a sua prática e que estimula a pesquisa das suas crianças.

A fotografia e sua linguagem, bem como a escrita e suas especificidades, contribuem para o aprimoramento das mini-histórias. O estudo dessas linguagens e a troca entre os profissionais permitem um aprimoramento necessário e que instrumentaliza o professor para a produção das narrativas. Entendemos que fotografar ajuda a reter a memória dos acontecimentos, tornando-se um instante possível a ser interpretado, a partir do nosso ponto de vista único e pessoal. Fotografar é uma forma muito singular de eternizar.

Atualmente, na trajetória da escola, pode-se afirmar que a mini-história desencadeia um processo constante de reflexão, pois requer um olhar atento durante a prática, por meio da qual serão capturadas as imagens e torna habitual um professor que reflete as ações das crianças. Além disso, na nossa escola, modificou também a forma de planejamento, onde a reflexão sobre as ações das crianças possibilita a projeção de experiências que enriqueçam as pesquisas observadas no contexto das crianças. Essas acabam, muitas vezes, sendo representadas e registradas em forma de mini-histórias. Pode-se afirmar que o desafio da escrita das mini-histórias modificou a postura dos professores que, agora, pesquisam infâncias constantemente e também assim pesquisam e refletem suas práticas.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem. **As especificidades da ação pedagógica com os bebês.** Disponível em: [portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7154artigomechhttp://portal.mec.gov.br/index.phpoption=com\\_content&view=article&id=15860&Itemid=1096](http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7154artigomechhttp://portal.mec.gov.br/index.phpoption=com_content&view=article&id=15860&Itemid=1096). Acesso em: 18 de julho de 2017.

BRUNER, Jerome. **A Construção Narrativa da Realidade.** 1991



XV Fórum Municipal de Educação: interlocuções da pesquisa na Educação Básica  
Secretaria Municipal de Educação de Novo Hamburgo – 24 de outubro de 2017

DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Alan. **Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas**. Porto Alegre: Artmed, 2003

GOODSON, I. F. **As políticas de currículo e de escolarização**. Petrópolis, Vozes, 2008.

FOCHI, Paulo Sergio. **Afinal, o que os bebês fazem no berçário?** Comunicação, autonomia e saber-fazer de bebês em um contexto de vida coletiva. Porto Alegre: Penso, 2015.

\_\_\_\_\_. **ABORDAGEM DA DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA NA INVESTIGAÇÃO PRAXIOLÓGICA DE CONTEXTOS DE EDUCAÇÃO INFANTIL**. Relatório para Exame Geral de qualificação em nível de Doutorado. São Paulo, 2017.

HOYUELOS, Alfredo. **La estética em El pensamiento y obra pedagógica de Loris Malaguzzi**. Barcelona. Ediciones. Octaedro, 2007.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação Infantil: saberes e fazeres da formação de professores**. (org). Campinas, SP, Editora Papyrus, 2008.

PILLAR, A. D. Leitura e releitura. In: PILLAR, A. D. (org). **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: mediação, 2009.

TITTONI, Jaqueline; ET AL. **A fotografia na pesquisa acadêmica: sobre visibilidades e possibilidades de conhecer**. Informática na Educação: teoria e prática, Porto alegre, v. 13, n.1, p.56-66, jan/jun.2010.